

**TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS E DEMOGRÁFICAS DO MUNICÍPIO DE  
ASSIS CHATEAUBRIAND, PR (1966-2016)**

**ECONOMIC AND DEMOGRAPHIC TRANSFORMATIONS OF THE CITY  
OF ASSIS CHATEAUBRIAND, PR (1966-2016)**

Bruno Vinicius Noquelli LOMBARDI<sup>1</sup>  
Paulo NOBUKUNI<sup>2</sup>

**Resumo:** O estado do Paraná é uma das unidades da federação mais industrializadas do Brasil, no entanto, o desenvolvimento do setor secundário da sua economia aconteceu de modo desigual. Ao mesmo tempo em que algumas cidades se industrializaram e são detentoras de índices econômicos expressivos, como alto Produto Interno Bruto e elevada renda *per capita*, outros municípios não conseguiram aderir ao processo de industrialização, permanecendo essencialmente agrícolas, como é o caso de Assis Chateaubriand, localizado no Oeste do estado. Deste modo, este artigo objetiva analisar o processo de formação e as transformações econômicas e demográficas do município de Assis Chateaubriand, entre 1966 e 2016, e compreender os motivos que levaram a cidade a apresentar as características mencionadas. Para tanto, balizou-se em três teorias do desenvolvimento econômico, no caso a clássica, a schumpeteriana e a marxista. Entre elas, a que mais se aproxima do caso específico de Assis Chateaubriand é a schumpeteriana.

**Palavras-Chave:** Economia; Demografia; Desenvolvimento; Assis Chateaubriand.

**Abstract:** The state of Paraná is one of the most industrialized states in Brazil, however, the development of the secondary sector of the Paraná economy happened in an unequal way. While some cities have industrialized and have expressive economic indices, such as high Gross Domestic Product and high per capita income, other municipalities have failed to adhere to the industrialization process, remaining essentially agricultural until today, as is the case of Assis Chateaubriand, located in West of the state. Thus, this article aims to analyze the formation process and the economic and demography transformations of Assis Chateaubriand, between 1966 and 2016, and to understand the reasons that led Assis Chateaubriand to present the mentioned characteristics. For that, it was based on three theories of economic development, in this case the classic, the Schumpeterian and the Marxist. Among them, the one that comes closest to the specific case of Assis Chateaubriand is the Schumpeterian.

**Keywords:** Economy; Demography; Development; Assis Chateaubriand.

## **Introdução**

O presente trabalho trata sobre o processo de formação de Assis Chateaubriand e as transformações econômicas e demográficas sofridas pelo município entre a sua emancipação (em 1966) até o ano de 2016. A cidade, localizada no Oeste do Estado do Paraná, mantém-se

---

<sup>1</sup> Técnico-Administrativo em Educação (UTFPR). Doutorando em Geografia (UNICENTRO). E-mail: brunonoquelli@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Geografia (UNICENTRO). Doutorando em Geografia (UNICENTRO). E-mail: nobukuni@unicentro.br.

essencialmente agrícola até hoje, o que a diferencia de outros municípios da mesma unidade da federação brasileira, que se industrializaram e são detentores de alto Produto Interno Bruto (PIB) e expressiva renda *per capita*. Os fatores econômicos e demográficos de Assis Chateaubriand foram escolhidos por serem elementos de forte influência na ordenação de um território.

De acordo com Lima et al. (2007), Assis Chateaubriand demonstra ser um local de origem de movimento migratório. Isso porque o local não aderiu ao processo de industrialização que atingiu o estado do Paraná após a década de 1970. Fato que o levou a ser um dos estados mais industrializados do Brasil. Na concepção de Denuzi e Lima (2013), a ausência de equidade no desenvolvimento do município não aconteceu por mera coincidência, haja vista que as organizações econômicas locais mostraram-se menos determinantes, se comparadas às organizações de outros municípios com graus polarizadores semelhantes, como Palotina, por exemplo, para que a cidade se tornasse atrativa e dinâmica aos investidores.

Isso fez com que Assis Chateaubriand sofresse grandes transformações econômicas e populacionais nos últimos cinquenta anos, abrindo expectativas para estudos que abordam estratégias que incentivem o desenvolvimento econômico local municipal. As mudanças econômicas e populacionais do município são tão expressivas que justificam o desenvolvimento de pesquisas que versem sobre o assunto. As mudanças demográficas de Assis Chateaubriand foram marcadas pelo auge populacional na década de 1970 e perda de habitantes após 1980. (MELO, 2010)

A industrialização e bons índices econômicos não garantem, por si, o desenvolvimento, mas são fatores que podem expressar as potencialidades para tal, pois um setor secundário forte permite que o crescimento econômico aconteça e, caso haja a distribuição das riquezas produzidas, a sociedade se desenvolverá.

### **A formação do espaço urbano de Assis Chateaubriand e suas transformações**

A primeira estrutura urbana do atual município de Assis Chateaubriand era pequena e rústica. Ela foi montada para receber compradores e corretores de terras. Na ocasião, Adízio Figueiredo dos Santos atribuiu à cidade o *slogan* “Cidade Morena” por causa da vinda de

moradores do Norte e Nordeste do país. Pessoas caracterizadas pela cor de pele jambo, morena e bonita. Neste sentido, era como se a cidade fosse uma combinação étnica de pessoas advindas das regiões Norte e Nordeste e da Região Sul, local de encontro de dois tipos de correntes migratórias. (LUCIO, 2004)

A região do Vale do Rio Piquiri, como era conhecida, começou a ser desbravada pela colonizadora “Norte do Paraná S/A”, em 28 de setembro de 1958, executando um modelo de colonização nos moldes realizados no norte do estado, com pequenas propriedades e uma rede de cidades pequenas. Ao chegarem, encontraram terras com grande potencial agrícola e fertilidade. Eram consideradas “as melhores terras do mundo”. Essa ocupação mostra a nova urbanização brasileira, impulsionada a partir de 1940, sendo caracterizada pelo surgimento de núcleos urbanos no interior do país e pela expansão da articulação entre cidades. (SANTOS, 1996)

O primeiro nome dado à Assis Chateaubriand foi “Campo dos Baianos”, entre 1952 e 1958, em homenagem a José Antônio de Araújo, homem de origem nordestina que cuidava do campo de avião naquele momento. A segunda nomenclatura atribuída foi Tupãssi, que significa “Mãe de Deus” em tupi-guarani. Este nome foi escolhido por causa da compra de uma das fazendas da colonizadora no Pantanal do Mato Grosso, que chamava Tupaci, que faz menção a “índios cavaleiros” na língua dos índios Kaduwéus. O nome foi dado em 15 de dezembro de 1960. (LUCIO, 2004). Em 1961, o futuro município começaria a ser construído como distrito de Toledo. (MELO, 2010)

A agricultura do distrito de Tupãssi se fortalecia e o local crescia de forma significativa. Se em 1962 o Cartório de Registro Civil havia registrado o nascimento de 81 crianças, em 1963 este número cresceu para 251 registros, ainda mais expressivos em 1964, com 588 nascimentos. (LUCIO, 2004). Na Figura 1 é possível verificar o aspecto da área urbana de Assis Chateaubriand na década de 1960 e placa que evidenciava a prosperidade do município: “conheça a capital do progresso - Assis Chateaubriand - Paraná”.

O crescimento do distrito era fruto do seu solo fértil e do encontro das correntes migratórias do Norte e do Sul. O Vale do Piquiri foi o grande divisor de águas da colonização do estado do Paraná. A primeira corrente era composta por nordestinos, capixabas, mineiros e paulistas que cultivavam o café, enquanto a segunda era constituída por imigrantes vindos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul que tinham como cultivo milho, arroz e feijão. (MAIOR, 1996).

**Figura 1** – Área urbana de Assis Chateaubriand na década de 1960.



Fonte: Maior (1996).

A vinda dessas duas correntes aconteceu devido a uma característica peculiar da população do distrito de Tupãssi, da condição de espaço de transição e confronto sociocultural entre as influências do Sul e do Norte/Nordeste do país. O que o diferenciava dos municípios vizinhos. Ao Sul, Tupãssi, Toledo e Palotina recebiam predominante influência de gaúchos e catarinenses e ao Norte, Brasilândia do Sul e Alto Piquiri, influenciados pela cultura paulista, mineira e de alguns estados do Nordeste (LIMA, 2004).

O jornalista Luiz Geraldo Mazza publicou na edição do dia 27 de outubro de 1996 do jornal Folha de Londrina que havia no Oeste o encontro do “Chapéu de Couro” com a “Bombacha”, ou seja, o encontro do nordestino com o gaúcho. (LIMA, 2004). O Quadro 1 evidencia a procedência dos habitantes de Assis Chateaubriand em 1996.

**Quadro 1** - Procedência dos habitantes de Assis Chateaubriand -1996.

Nordestinos	35%
Paulistas	20%
Mineiros	5%
Paranaenses	20%
Outros	5%
<b>Total:</b>	<b>85%</b>

Japoneses	5%
Italianos	3%
Alemães	2%
Outros	5%
<b>Total:</b>	<b>15%</b>

Fonte: Maior (1996).

O distrito de Tupãssi passou a se chamar Assis Chateaubriand, a pedido do jornalista David Násser, como homenagem ao representante dos jornalistas brasileiros, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, que iria submeter-se a uma cirurgia de alta complexidade nos Estados Unidos. O então distrito foi elevado a município em 1966, mais especificamente em 20 de agosto de 1966, pelo então Governador Paulo Cruz Pimentel. O jornalista Assis Chateaubriand estava presente na cerimônia (LIMA, 2004).

A partir de 1983, por meio de uma consulta popular, a cidade ganhou um *slogan* que identificaria a sua cultura e seus valores, passando a ser chamada assim de “Morada Amiga”. (LUCIO, 2004). Hélio Lulu, advogado e descendente de um dos primeiros moradores da cidade, faz, em 1996, uma análise dos fatores favoráveis ocorridos na colonização do município. Para o advogado, o encontro das correntes migratórias foi primordial e a principal característica para o sucesso do processo de desbravamento e colonização do município. Na concepção de Lulu, a cidade havia nascido com vocação para polarizar o Médio Oeste Paranaense, até mesmo por fatores étnicos, que identificavam a população com os demais municípios que compunham a região, uma vez que eram oriundos das mesmas regiões e trilhavam os mesmos caminhos para chegarem ao local (MAIOR, 1996).

Para Maior (1996), Assis Chateaubriand nasceu para irradiar progresso e civilização. De acordo com o autor, muitos imigrantes vinham para o local por ambição, pelo dinheiro e pelo “mulherio”, considerando que a cidade abrigava uma das melhores casas noturnas da época. Homens e mulheres chegavam de todas as partes do Brasil e do mundo, momento em que a desordem imperava e o município crescia rapidamente, tanto demográfica quanto economicamente (Tabela 1).

**Tabela 1** – População do município de Assis Chateaubriand 1960 a 2015.

	1960	1970	1980	1991	1996	2000	2007	2010	2015
Urbana	-	11.604	28.376	28.835	27.503	27.052	27.640	29.013	-
Rural	-	67.180	26.255	10.902	8.105	6.265	4.425	4.012	-
Total:	33.487	78.784	54.631	39.737	35.658	33.317	32.226	33.025	34.027

**Fonte:** IBGE (2020).

Apesar de toda a expectativa, após vivenciar a grandeza e o sucesso de uma vultosa experiência econômica e de colonização da terra, quando no ápice do processo desenvolvimentista a população atingiu 78.784 habitantes, em 1975 uma forte geada, chamada pela população local como a “geada negra”, e a posterior modernização da agricultura, com a introdução de tratores e colheitadeiras e mecanização da lavoura de trigo e soja deixaram milhares de trabalhadores desalojados. Como resultado o município viu sua população despencar a partir de 1980 (MAIOR, 1996).

Os trabalhadores rurais migraram, principalmente, para os estados do Mato Grosso, São Paulo, Goiás, Rondônia e Acre. A partir daquele momento, o município não conseguiu superar e recuperar o seu esvaziamento demográfico. Maior (1996) argumenta que a não superação e recuperação aconteceram como consequência de administrações não qualificadas, que fomentaram a consolidação econômica da área rural em detrimento do progresso do desenvolvimento urbano.

Se a partir da segunda metade da década de 1990 acontecia no Brasil intensas lutas do Movimento dos Sem-Terra (MST) por reforma agrária, em Assis Chateaubriand a situação era bastante adversa, muito diferente da realidade de muitos municípios daquele período. A cidade possuía uma das maiores concentrações de boias frias do estado, resultado da vinda de trabalhadores rurais sem emprego para a cidade. Esse foi o maior problema social enfrentado pelo município naquele período. Felizmente a situação foi amenizada alguns anos depois com a implantação de uma indústria de fécula de mandioca, que gerou significativa quantidade de postos de trabalho.

Os moradores de Assis Chateaubriand realizaram diversos esforços para encontrar a vocação do município e retomar seu progresso. A economia seria reestabelecida somente a partir do momento que os empresários locais investissem em profissionalização, especialização, produtividade e qualidade de seus produtos, para que pudessem competir de forma igualitária com os concorrentes de outras regiões do estado e do Brasil.

Apesar de não terem conseguido retomar o progresso novamente, as lideranças políticas e econômicas locais conseguiram fazer com que o município não perdesse mais habitante e estabelecesse suas atividades produtivas. A diversificação, o planejamento e os recursos direcionados pelos órgãos públicos, principalmente da Secretaria Municipal de Agricultura e da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), a partir de

1993, foram cruciais para que se encontrasse nas propriedades agrícolas as opções do peixe, do gado leiteiro, da mandioca, do milho e do porco. (MAIOR, 1996)

Se é verdade que a dinâmica econômica de Assis Chateaubriand poderá ser parcialmente alterada com a instalação de um frigorífico de grande porte no local, com a estimativa de geração de aproximadamente 5.000 postos de trabalho, é fato que o estabelecimento do abatedouro de suínos está em fase inicial, com inauguração prevista somente para 2022 (JORNAL TRIBUNA DA REGIÃO, 2019).

Portanto, a mensuração dos impactos socioeconômicos gerados pelo frigorífico será possível somente daqui a alguns anos. Ao comparar Assis Chateaubriand com outros municípios da Mesorregião Oeste Paranaense verifica-se que ele e Guaíra possuem índices econômicos mais tímidos. (Tabela 2)

**Tabela 2** – Renda média *per capita* domiciliar, PIB *per capita* e Índice de Desenvolvimento dos municípios (IDH-M) do Oeste do Paraná e Laranjeiras do Sul.

Município	Renda média <i>per capita</i> domiciliar (2010)	PIB <i>per capita</i> (2012)	IDH-M (2010)
Assis Chateaubriand	R\$ 658,82	21.402	0,729
Foz do Iguaçu	R\$ 804,18	30.390	0,751
Guaíra	R\$ 767,72	15.296	0,724
Medianeira	R\$ 900,59	21.368	0,774
Marechal Cândido Rondon	R\$ 1.018,98	25.461	0,763
Palotina	R\$ 884,56	38.641	0,768
Toledo	R\$ 864,52	22.736	0,768
Laranjeiras do Sul	R\$ 636,83	11.597	0,706

Fonte: IPARDES (2020) e IBGE (2020).

Os indicadores econômicos de Assis Chateaubriand estão mais próximos aos números dos municípios de Mesorregiões do Paraná consideradas “menos abastadas”, como, por exemplo, a Mesorregião Centro-Sul Paranaense. (CESCA, 2014). Laranjeiras do Sul foi escolhido por ter população e grau de polarização próxima ao de Assis Chateaubriand.

### Teorias do desenvolvimento (clássica)

A teoria clássica recebeu diversas contribuições, porém os autores mais consagrados são Adam Smith e David Ricardo. Os clássicos acreditavam na “Lei de Say”, que afirmava

que a oferta cria sua própria demanda, isto é, todo acréscimo da oferta geraria um acréscimo na mesma proporção da demanda, mantendo sempre a economia em equilíbrio, pois neste viés, denominado de livre mercado, não haveria uma situação de superprodução ou escassez de produtos, mas sim uma harmonia entre estas duas variáveis, sendo este o centro da ideia do liberalismo econômico (RICARDO, 1996).

Segundo Bianchi e Santos (2005), um dos argumentos centrais de Adam Smith é de que o principal elemento do aumento da riqueza era o trabalho produtivo, sendo que a quantidade de produto obtido pelo trabalhador – em determinado período - dependeria da intensidade do capital, da tecnologia e da divisão de trabalho, sendo isto possível pelo aumento da dimensão dos mercados. Em relação à moeda, Adam Smith e David Ricardo afirmavam que esta não tinha outra função senão intermediar as trocas. Desse modo, ninguém teria interesse de entesourá-la, ou seja, desejariam que ela retornasse de forma imediata ao mercado para que houvesse as ditas trocas.

Em uma das suas argumentações contidas na “teoria do valor-trabalho”, Adam Smith afirma que a indústria é a responsável por gerar economias de escala, rendimentos a crescer e como neutralizadores dos rendimentos decrescentes da agricultura (que dependiam da fertilidade do solo e das condições do clima), logo, destacava o importante papel da atividade industrial no desenvolvimento das forças produtivas. O autor publicou, em 1759, a “teoria dos sentimentos morais”, sendo que ao retornar de uma viagem à França, lança a sua mais conhecida obra: “A Riqueza das Nações”, que se tornaria a responsável pela a Teoria do Liberalismo Econômico, reestabelecendo os princípios da Economia Política. Esta publicação aconteceu durante as primeiras fases da Revolução Industrial na Inglaterra e da consolidação do capitalismo industrial moderno (BIANCHI E SANTOS, 2005).

Adam Smith realizou a divisão entre os países ricos e pobres, mostrando que os países não eram iguais, sendo que as nações ricas tinham vantagens em relação às pobres, pois estas últimas não aplicavam políticas corretas. Ele referia-se à falta de organização existente nos países menos favorecidos, assim como à corrupção, que dificultaria a tomada de decisões políticas e econômicas acertadas. Para ele, o crescimento possuía uma ordem natural (que sofria alteração somente quando o governo passava a interrompê-la), quanto à organização das manufaturas, do comércio exterior e da agricultura. Sendo assim, o desenvolvimento econômico seguiria essa “ordem natural” (DENIS, 1982).

Adam Smith realizou a divisão entre países ricos e pobres, mostrando que havia a consciência de que os países não eram iguais. Dizia: “os países ricos tinham vantagens inerentes sobre os pobres, pois os pobres falhavam na aplicação das políticas corretas”. Ele poderia estar se referindo a falta de organização existente nos países menos favorecidos, assim como a corrupção que dificultaria a tomada de decisões políticas e econômicas. Em Smith o crescimento possuía uma ordem natural para a organização das manufaturas, do comércio exterior e da agricultura, e que sofria alteração somente quando o governo passava a interrompê-la. Sendo assim, o desenvolvimento econômico seguiria essa “ordem natural”.

O clássico acreditava que crescimento econômico era sinônimo de desenvolvimento econômico e o estado tinha a função de garantir a liberdade individual. Desta forma, o estado tinha três principais deveres, que seriam proteger suas fronteiras de invasões, estabelecer um poder judiciário e garantir a manutenção de serviços públicos essenciais (como a educação, por exemplo). Enxergava o desenvolvimento como algo previsível, “natural”, pois dados as pré-condições, a produtividade aumentaria, assim como a divisão do trabalho. Com o livre comércio e a liberdade para as unidades produtoras, haveria uma “mão invisível” que proporcionaria o desenvolvimento social a partir dos desejos e vontades individuais. Acreditava que isso limitaria o crescimento, pois o crescimento estaria relacionado às leis, instituições, clima e solo (havia uma relação do crescimento com salários mais altos) (DENIS, 1982).

Indicava que o aumento da produtividade não estava relacionado com as inovações tecnológicas radicais (inserção de novas tecnologias) e sim com a especialização e aperfeiçoamento de técnicas já utilizadas. Essa linha de pensamento complementaria a noção de crescimento, pois os investimentos seriam a base do crescimento, e deveriam ocorrer sem intervenção do estado. E para que acontecessem, seria necessário aumento da oferta, melhor equipamento dos funcionários e elevação dos salários (DENIS, 1982).

David Ricardo (1772-1823) foi um economista inglês e um dos fundadores da Ciência Econômica. O autor tratava sobre a formação da riqueza nacional e a sua distribuição entre capitalistas, trabalhadores e proprietários de terras. Segundo ele, o grande problema do crescimento econômico estava na agricultura, que seria incapaz de produzir alimentos a baixo custo para consumo dos trabalhadores, resultando em uma elevação dos salários nominais e os fundos de salários, necessários para adquirir meios de produção e aumentar o nível do produto (BIANCHI E SANTOS, 2005).

Ricardo, como a maioria dos autores clássicos, não diferenciava crescimento de desenvolvimento. Acreditava que a explicação para o crescimento estava no investimento, pois a partir do momento em que se investisse se aumentaria a produção. Investimento que estava relacionado à taxa de lucro dos capitalistas, ou seja, quanto maior a primeira, maior a segunda. Lucro que dependia essencialmente dos preços dos salários, considerando que se os salários estivessem com o valor de mercado acima do valor natural, resultariam na diminuição dos lucros e conseqüentemente na perda de investimentos.

O autor foi um grande defensor das reformas políticas e da liberdade religiosa e responsável por formular a “Lei dos Rendimentos Decrescentes”, que defendia como certa uma estagnação do investimento e conseqüentemente do crescimento, uma vez que quando fossem explorar terras de qualidade inferior, o acréscimo de renda que fosse pago para a utilização resultaria em menores lucros para os capitalistas, isto é, o crescimento em longo prazo estaria condenado. (DENIS, 1982)

Apesar de ser considerado agressivo e até mesmo desumano por muitos autores, criou uma definição inovadora acerca dos salários. Dizia que os salários “naturais” seriam definidos principalmente por termos sociais e não fisiológicos. Ou seja, os gostos, hábitos, costumes, confortos e divertimentos eram mais importantes na definição do valor “natural” do salário que as necessidades fisiológicas, como a comida e a bebida.

Essa abordagem sobre os salários mostrou-se totalmente diferente de outros autores clássicos. Isto ocorreu porque Ricardo já tinha consciência das diferenças entre as sociedades e, mesmo que pareça contraditório, usou subjetivamente o valor “natural” dos salários, ao entender que os salários não teriam um valor “natural” por definição. Portanto, o crescimento populacional estava totalmente relacionado ao desenvolvimento da nação, uma vez que o preço dos salários - de mercado - estaria abaixo dos preços naturais toda vez que a população excedesse a capacidade da indústria de absorver a mão de obra, trazendo como consequência uma queda da qualidade de vida para os trabalhadores e em um aumento dos lucros para os capitalistas (DENIS, 1982).

### **Teorias do desenvolvimento (schumpeteriana)**

Joseph Alois Schumpeter (1863-1950), nascido na Áustria, envolveu-se desde muito jovem na atividade acadêmica, tendo sido admitido como professor assistente na REVISTA PRODUÇÃO ACADÊMICA -NÚCLEO DE ESTUDOS URBANOS REGIONAIS E AGRÁRIOS/ NURBA  
-vol. 7, n.1, 2021

Universidade de Czernowitz (Áustria) em 1909. (COSTA, 2006). Schumpeter ficou conhecido por suas teorias sobre o desenvolvimento capitalista e os ciclos econômicos. Seus livros mais célebres foram “A Teoria do Desenvolvimento Econômico” (1921), “Capitalismo, Socialismo e Democracia” (1942) e “História da Análise Econômica” (1954) (DENIS, 1982).

Schumpeter foi um grande estudioso do papel da tecnologia na sociedade. Fez dessa variável o meio mais importante para se alcançar o desenvolvimento econômico. Assim como Adam Smith, David Ricardo e Karl Marx procurou compreender os movimentos gerais da economia e o destino de uma maneira particular de produção em sociedade. Entretanto, diferente dos economistas clássicos, não considerava o crescimento da população, o aumento da produção e o acúmulo de recursos como fatores determinantes para a efetivação do desenvolvimento econômico (COSTA, 2006).

Enxergava o desenvolvimento como a junção de novas formas de expansão dos negócios, pelas estratégias empresariais promovidas pelos gestores de negócios e pela redução dos seus custos de produção. Deste modo, as empresas que apresentassem maior dinamismo seriam impulsionadas por empresários mais ousados, que se propusessem a explorar mercados antes inexploráveis, sendo que estes procurariam reduzir os gastos com insumos, máquinas e funcionários. Logo, as empresas, por meio dos empresários, agrupariam novas tecnologias para sobreviver e adaptar-se de maneira contínua ao meio socioeconômico, especialmente por causa das inovações e das tecnologias (SCHUMPETER, 1982).

Desta maneira, o desenvolvimento proporcionado pelas tecnologias não causaria impactos constantes nos resultados operacionais, como afirmavam os modelos neoclássicos. No entanto, o autor salientava que essas tecnologias e inovações deveriam apresentar-se de modo oportuno e serem economicamente viáveis para as empresas, para que assim as implantassem e conseguissem recuperar os recursos financeiros investidos (SCHUMPETER, 1982).

Entendia, também, que o desenvolvimento econômico poderia ser definido como uma mudança espontânea e descontinuada dos canais de fluxo, que alteravam e deslocavam de modo definitivo o estado de equilíbrio previamente existente. Para ele, o desenvolvimento não surgiria de variações, mas de alterações revolucionárias que alterariam para sempre a situação anterior. Defendia a inovação tecnológica como determinante no processo de desenvolvimento. A inovação deveria ser introduzida pelas indústrias para que fosse possível combater a concorrência cada vez mais acirrada. (SCHUMPETER, 1982). A inovação

tecnológica seria, portanto, uma das maneiras de se alcançar o desenvolvimento econômico. O desenvolvimento visto como uma mudança natural e contínua, que realizava a verificação dos custos de matéria-prima e o rumo da mudança econômica, haja vista que o consumidor sempre buscava produtos novos e diferenciados (DENIS, 1982).

Em seu livro “A Teoria Desenvolvimento Econômico” parecia aceitar a princípio do modelo de equilíbrio estático Walrasiano (ou Marxista), na medida em que considera a existência de um fluxo circular na economia e defendia a organização do estado de forma comercial, na qual propriedade privada, divisão do trabalho e livre competição prevaleciam (DENIS, 1982).

De acordo com Silva e Sampaio Jr. (2010), a maneira schumpeteriana de correlacionar os ciclos com as crises econômicas é bastante semelhante ao modo marxista. Ambos afirmavam que os ciclos e as crises eram inerentes ao processo capitalista e se deveria buscar as respostas para a questão nas características do capitalismo moderno. Entretanto se aproximava da visão clássica quando trata sobre propriedade privada, divisão do trabalho e livre competição.

### **Teorias do desenvolvimento (marxista)**

Karl Marx (1818-1883) foi um filósofo alemão que criou, junto com Friedrich Engels, o socialismo científico, também chamado de comunismo moderno. O autor estudou o desenvolvimento econômico, mas ao contrário dos teóricos de outras correntes, o ponderava de modo diferente. O autor indignava-se com o pensamento clássico de autorregulação da economia, de deixar a “oferta criar a sua demanda”. Em relação ao sistema capitalista, o considerava uma produção de mercadorias. Para ele, o capital propiciava a produção da mais-valia<sup>3</sup>, a partir do momento que explorava a mão de obra do trabalhador (SILVA et al., 2012).

Ao analisar a sociedade, a economia e a história, criou uma abordagem metodológica que ficou conhecida como “materialismo histórico” e uma concepção filosófica/método científico intitulado “materialismo dialético”. Para o materialismo dialético, o ambiente, o organismo e os fenômenos físicos modelavam tanto animais irracionais e racionais, cultura e

---

<sup>3</sup> Marx entendia como mais-valia a diferença entre o valor final do bem ou mercadoria produzida e o valor do trabalho do indivíduo. Seria, portanto, o lucro do empregador. Lucro que, para ele, era à base do sistema capitalista. (SANTOS NETO, 2012)

sociedade quanto eram modelados por eles. Desta maneira, a matéria estaria em uma relação dialética com o psicológico e o social das pessoas (SILVA et al., 2012).

A escrita e publicação de “O Manifesto Comunista”, em 1847, resultou na expulsão de Marx da Alemanha, obrigando-o a procurar refúgio em Londres, cidade que elaborou a base doutrinária da teoria comunista, que viria a ser apresentada em três volumes e intitulada como “O Capital”, tendo a primeira edição publicada em 1867 e as duas seguintes, póstumas, em 1885 e 1894.

Para Marx, o desenvolvimento econômico era formado por diversas fases, sendo a última delas o socialismo, fase sucessora do capitalismo. Considerava o socialismo um estado ótimo, onde os trabalhadores tornar-se-iam donos da produção, apropriar-se-iam dos meios de produção e criariam uma “Ditadura do Proletariado”. O capitalismo criaria determinados mecanismos de defesa que tentariam alienar a população, principalmente a classe menos favorecida. O casamento e a religião seriam exemplos de alienação imposta pela sociedade (SILVA et al., 2012).

Ao falar sobre os salários dos trabalhadores, entendia que casos se mantivessem constantes seriam um dos principais fatores para a destruição do capitalismo, já que os lucros cairiam como resultado de uma taxa crescente de acumulação. Os salários não seriam, portanto, determinados pelo mercado, mas pelo poder de permuta entre capitalistas e trabalhadores, e o desenvolvimento econômico só aconteceria pela luta constante entre as classes e quando todos os valores que o capitalismo criou fossem destruídos.

Sua ideia de crescimento estava ligada à dialética como método de estudo científico. Para ele, o crescimento econômico teria uma estreita relação com acumulação e concentração de capital, até porque, em sua concepção, o lucro seria a base dessa concentração. A economia não cresceria em longo prazo, ela somente se modificaria pelo choque que haveria entre duas classes, os detentores de capital e os trabalhadores (SILVA et al., 2012).

### **Considerações finais**

O Paraná é um estado brasileiro com expressiva industrialização, porém, a evolução do setor secundário da economia paranaense não aconteceu de modo igualitário. Enquanto alguns municípios tiveram altos índices de industrialização, outros, como Assis

Chateaubriand, não conseguiram aderir a esse processo e mantêm-se essencialmente agrícolas.

No caso específico de Assis Chateaubriand a não industrialização aconteceu por diversos fatores. Entre eles destacam-se a “forte geada de 1975”, a mecanização da agricultura e, como defendem alguns autores, a falta de visão e planejamento de seguidos gestores municipais.

Ao contrário de Assis, os municípios de Cascavel, Toledo e Medianeira, também localizados no Oeste do estado, possuem elevada industrialização e são os mais industrializados da região. Ao mesmo tempo em que os municípios do Oeste do Paraná que possuem maior diversificação de serviços são Cascavel, Foz do Iguaçu e Toledo.

Assis Chateaubriand teve bastante prosperidade entre o final da década de 1960 e o início da década de 1970, atraindo pessoas de diferentes regiões do país. Essa prosperidade estava associada à sua localização privilegiada (local de encontro de migrantes nortistas e sulistas) e às suas terras férteis. No entanto, a modernização da agricultura e a forte geada de 1975 fez com que as perspectivas de pujança e crescimento se desfizessem.

Os anos seguintes foram marcados pela dificuldade em encontrar um novo caminho e pela perda significativa de habitantes, até que, em meados de 1990, a diversificação, o planejamento dos gestores políticos e os recursos investidos pela EMATER e Secretaria Municipal de Agricultura, o município encontrou novas vocações agrícolas através do peixe, do gado leiteiro, da mandioca, do milho e do porco.

O encontro da nova vocação não resultou em ganho de habitantes, mas foi o principal responsável para que a população se estabilizasse. Após 1995, em todos os censos e estimativas populacionais realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Assis Chateaubriand tinha entre 30.000 e 35.000 habitantes.

Comparando-se Assis Chateaubriand com os municípios de Foz do Iguaçu, Guaíra, Marechal Cândido Rondon, Medianeira, Palotina e Toledo (que junto com Assis Chateaubriand são as cidades mais populosas da Mesorregião Oeste Paranaense), foi possível identificar que a média salarial dos moradores chateaubriandenses fica aquém da média salarial dos trabalhadores dos outros municípios, com exceção de Guaíra. Situação similar verifica-se ao analisar o IDH-M de cada um dos municípios. O índice de Assis é menor do que o de Foz do Iguaçu, Marechal Cândido Rondon, Medianeira e Toledo. É mais alto,

apenas, que Guaíra. O PIB *per capita* do município também está entre os menores, ficando à frente apenas de Medianeira e Guaíra.

Não se pode afirmar que Assis Chateaubriand é subdesenvolvido, até porque, de acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o seu IDH-M é considerado alto, e seus indicadores econômicos são próximos dos índices de municípios com semelhante grau de polarização e de habitantes do estado, a exemplo de Laranjeiras do Sul. O que se verifica na pesquisa é uma disparidade nos índices econômicos entre Assis Chateaubriand e municípios próximos e um atraso no processo de industrialização, que pode realmente ter acontecido pela falta de visão dos gestores políticos.

A situação econômica local pode ser alterada com a instalação (em andamento) de um abatedouro de suínos de uma agroindústria paranaense de grande porte. A abertura do empreendimento pode, inclusive, contribuir para o processo de industrialização local, gerando empregos, até então inexpressivos, no setor secundário da sua economia. Destarte, os impactos ocasionados pela implantação do abatedouro poderão ser mensurados somente a médio e longo prazo.

Entre as teorias de desenvolvimento descritas no estudo, a que mais tem condições de auxiliar na compreensão do processo de formação econômica e demográfica de Assis Chateaubriand é a schumpeteriana, ao defender que a inovação tecnológica é a principal responsável pelo desenvolvimento. Essa vertente trata sobre a junção do descobrimento de novas formas de expansão dos negócios com a diminuição dos custos de produção. Segundo Schumpeter, as empresas mais dinâmicas são àquelas impulsionadas por empresários ousados, pois esses gestores normalmente buscam diminuir os gastos com insumos, máquinas e funcionários.

No caso de Assis Chateaubriand, apesar da inovação do seu setor agrícola, expresso na mecanização, isso não desencadeou o desenvolvimento de inovação para uma agroindústria, por exemplo. Invés disso, a agricultura mecanizada acabou com a concorrência. O pequeno produtor se tornou mão de obra barata na cidade, juntamente com as levas de imigrantes chegados ao local. Ou seja, esse processo gerou diminuição dos salários e desemprego na, travando os demais setores econômicos e perdendo mão de obra qualificada para os municípios vizinhos.

Se por um lado houve falta de ousadia dos empresários para desenvolver a indústria local, por outro, parte dos seguidos gestores públicos não criaram políticas de incentivo à

diversificação econômica, desenvolvimento da indústria e dos demais setores. Assim, a pesquisa contribui para o entendimento do processo de formação de Assis Chateaubriand e suas transformações, mas como as alterações econômicas e especialmente demográficas do município são bastante específicas, necessitam de estudos adicionais sobre o assunto.

## Referências

BIANCHI, A. M.; SANTOS, A. T. L. A. de. 2005. Adam Smith: filósofo e economista. **Revista IHU Ideias**, 3(35).

CESCA, H. 2014. Centro-sul: o Paraná pobre. *Gazeta do Povo*. Expedição Paraná. Curitiba, 24 ago. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/eleicoes/2014/especial-expedicao-parana/centro-sul-o-parana-pobre-ecjvievc6dffebf19refsfln2/>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

COSTA, A. B. da. 2006. O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter. **Revista IHU Ideias**, 4(47).

DENIS, H. 1982. **História do Pensamento Econômico**. Lisboa, Portugal, Livros Horizonte.

DENUZI, V. S. S.; LIMA, J. F. de. 2013; Organizações de desenvolvimento local: o papel dos atores locais nos municípios de Assis Chateaubriand e Palotina - PR. **Ciências Sociais em Perspectiva**, 12(23):36-52.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2020. IBGE Cidades. Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em: 15 set. 2020.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). 2020. Cadernos Municipais. Disponível em: <[http://www.ipardes.gov.br/index.php?pg\\_conteudo=1&cod\\_conteudo=30](http://www.ipardes.gov.br/index.php?pg_conteudo=1&cod_conteudo=30)>. Acesso em: 23 out. 2020.

JORNAL TRIBUNA DA REGIÃO. 2019. Frimesa vai gerar 5 mil empregos diretos em Assis Chateaubriand. Goioerê, PR, 29 ago. Disponível em: <<https://tribunadaregiao.com.br/noticias/artigo/frimesa-vai-gerar-5-mil-empregos-diretos-em-assis-chateaubriand>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

LIMA, J. F. de; RIPPEL, R.; STAMM, C. 2007. Notas sobre a formação industrial do Paraná 1920 a 2000. **Publicatio UEPG**, 1:53-62.

LIMA, S. M. 2004. **Morfologia urbana e qualidade de vida na cidade de Assis Chateaubriand/PR**. Maringá, PR. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá.

- LUCIO, C. B. 2004. **Assis Chateaubriand** – História e Memória. Assis Chateaubriand, PR, Cislen.
- MAIOR, S. L. 1996. **História de Assis Chateaubriand**: o encontro das Correntes Migratórias na última Fronteira Agrícola do Estado do Paraná. Maringá, PR, Clichetec.
- MELO, O. A. G. de. 2010. **Análise comparativa da fragilidade potencial e emergencial da Bacia Hidrográfica do Rio Baiano – Assis Chateaubriand – PR**. Maringá, PR. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá.
- RICARDO, D. 1996. **Princípios de economia política e tributação**. São Paulo: Nova Cultural. (Coleção Os economistas).
- SANTOS, M. 1996. **Urbanização brasileira**. São Paulo, Hucitec.
- SANTOS NETO, A. B. dos. 2012. Trabalho Produtivo e Trabalho Improdutivo nas “teorias da mais-valia” de Karl Marx. **Em Debate**, 8:5-22.
- SCHUMPETER, J. A. 1982. **A Teoria do Desenvolvimento Econômico**: uma investigação sobre lucro, capital, crédito, juro e ciclo econômico. Rio de Janeiro, Nova Cultural.
- SILVA, A. de A.; SAMPAIO JR, P. S. de A. 2010. Estudo comparativo entre Marx e Schumpeter das crises e ciclos econômicos. In: CONGRESSO INTERNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNICAMP, 17, Campinas, SP, 2010. Anais. Campinas, SP.
- SILVA, E. P. da; OLIVEIRA, E. A. de A. Q.; ARAÚJO, E. A. S. de. 2012. O conceito de desenvolvimento econômico regional: uma revisão teórica. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE UNIVERSIDADE-INDÚSTRIA, 4, Taubaté, SP, 2012. Anais. Taubaté, SP.

Artigo recebido em: 01/12/2020  
Artigo aceito em: 25/04/2021